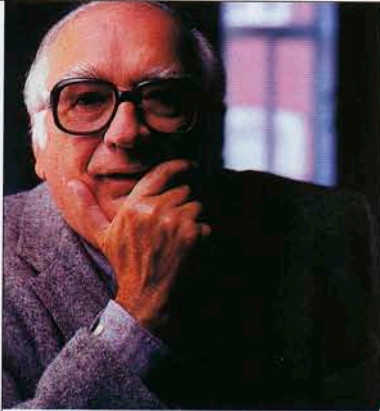


As culpabilidades



Temos vivido entre o medo e a culpa e o que me parece mais surpreendente é que, à maneira que vamos pondo de parte os pecados clássicos, arranjam os outros. Creio que uma senhora de hoje fica mais culpabilizada por falhar na sua dieta do que aquilo que a sua avozinha sofria por cometer um adultério.

Uma das coisas que mais me admira no meu tempo que já passou e que permanece ainda com mais força do que seria imaginável é a culpabilidade dos intelectuais no desconcerto do mundo. Eu já contei esta história mas vou contá-la outra vez.

Eu fiz parte de uma comissão da Unesco no âmbito do Quinto Centenário do encontro dos dois mundos que era assim que chamavam à descoberta da América por Cristóvão Colombo. Como exemplo do clima em que aquelas reuniões se faziam não esqueço, e ficou escrito na acta – “que a Assembleia se congratulava com o facto da denominação das festividades ter mudado de ‘celebrações’ para ‘comemorações’ dado que naquele encontro não havia nada para ‘celebrar’”.

No fundo, parece-me que por dentro dos intelectuais do Ocidente, que não abrem mão do seu bem-estar, funciona um mecanismo de compensação que se exprime através de veementes acusações pelos crimes praticados há cinco séculos em quadros civilizacionais que não podem comparar-se com os do mundo contemporâneo, ele próprio ainda muito longe de estar purificado.

Não podemos esquecer que grande parte de nós fomos contemporâneos do massacre de alguns milhões de pessoas nos vários campos de concentração do Hitler e do Staline, que continuam os massacres e os atentados à vida humana, que poucos têm consciência do absurdo das guerras. Neste contexto, vir acusar os espanhóis, e com eles o velho mundo, da destruição das civilizações maias e aztecas é pelo menos uma subtil e subcutânea manobra de diversão para o

Pergunto-me muitas vezes sobre as razões que podem levar os intelectuais do Ocidente a manter uma atitude tão obviamente absurda perante a História.

passado duma consciência que está longe de estar bem consigo própria.

Nessa reunião quem estava mais veemente era um professor suíço e quem introduziu no diálogo um pouco de bom senso foi um egípcio. É que ele, a certa altura, disse mais ou menos isto: “Quando se fala destas coisas parece estar subjacente é que, em todos estes países, antes da chegada dos europeus, estava tudo muito bem e, a partir dessa data, ficou tudo muito mal. Ora a verdade é que, antes de os europeus chegarem ao Egipto, não estava tudo bem por lá, que na África, na Ásia e na América, havia formas de escravatura tanto ou mais cruéis do que as que foram introduzidas pelos europeus. Mas o que me parece mais importante é que, com todo o extermínio, conquista, exploração e tudo o mais que acompanhou a exploração, foi a Europa que introduziu nos nossos países as ideias que, por sua vez, levaram às leis e às instituições que consistem hoje para os nossos povos a única esperança de liberdade, de respeito pelos direitos do homem e da liberdade humana.”

Isto parece-me tão evidente que me pergunto muitas vezes sobre as razões que podem levar os intelectuais do Ocidente a manter uma atitude tão obviamente absurda perante a História. É triste verificar que coisas como o comércio, o turismo, os meios de comunicação ou a cultura de massa acabaram por desempenhar um papel mais importante na aproximação dos povos do que as “inteligências” e o peso das suas culpabilidades.